

OS POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS NUMA PERSPECTIVA DE SINTAXE COMPARADA¹

O objectivo deste texto é reconsiderar alguns aspectos da sintaxe dos possessivos pré e pós-nominais em Português: a relação com os pronomes pessoais, a natureza forte ou fraca, a posição, a sensibilidade a contextos definidos e indefinidos.

O tratamento será realizado numa perspectiva de Sintaxe Comparada, o que significa que se enquadrarão dados de várias línguas, em particular das línguas românicas, em princípios gramaticais comuns e nos mecanismos que estão na base da diferenciação do SN e dos possessivos.

1. Considerações introdutórias

1.1 *Os possessivos entre as expressões referenciais e os determinantes*

Os possessivos exprimem uma dupla relação: uma relação entre as formas linguísticas e as pessoas do discurso - a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do singular e do plural; e uma relação entre as pessoas do discurso e uma entidade que designa o objecto possuído, sendo esta segunda relação materializada, em certas línguas, entre elas o Português, através da concordância, em número e género, entre o possessivo e o Nome que designa o objecto.²

Sendo os pronomes pessoais expressões nominais referenciais, a relação com os pronomes pessoais faz dos possessivos expressões nominais no genitivo, pois *meu* equivale a *de eu / de mim*; *teu* equivale a *de tu / de ti*, etc..

¹ Este texto é uma versão ligeiramente alterada da aula apresentada em Provas de Agregação, em 18 de Junho de 2003, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Agradeço a Gabriela Matos os comentários a uma primeira versão deste texto e a Eduardo Paiva Raposo as observações críticas e as sugestões que transmitiu durante a arguição. Todos os erros são da minha responsabilidade.

² As línguas variam muito quanto a estas propriedades morfológicas: nos possessivos pré-nominais em Espanhol não é marcado nem o género do possuidor nem do objecto possuído (*su, mis*); o Inglês marca na 3ª pessoa do singular o género do possuidor (*his, her*); o Francês marca o género no singular mas não no plural (*mon, ma, mes*).

Mas quando inseridos em expressões nominais, os possessivos co-ocorrem com os nomes, determinando-os e especificando-os.

Esta dupla condição faz-se sentir no modo como os gramáticos os pensam. A proximidade com os pronomes pessoais justifica que muitos gramáticos da tradição luso-brasileira os tratem como “pronomes”;³ outros autores analisam-nos no cap. dos determinantes, pois privilegiam a relação entre os possessivos e os Nomes.⁴

Neste texto mostrar-se-á que este duplo comportamento não impede uma análise uniforme, do ponto de vista categorial, dos possessivos.

No ponto seguinte serão expostos alguns pressupostos teóricos em que se baseia este estudo.

1.2. Alguns pressupostos teóricos do Programa Minimalista

De acordo com o Programa Minimalista,⁵ cada língua é concebida como o resultado da interação entre o Léxico e a Sintaxe, o sistema computacional, capaz de produzir expressões que são interpretadas por dois sistemas de interface: o sistema articulatório-perceptual (FF) e o sistema conceptual-intencional (FL).

Considera-se que a Gramática Universal tem acessível um conjunto de traços de vária ordem e um conjunto limitado de operações, como Compor e Mover / Atrair.

No que diz respeito às expressões nominais, concebe-se que são geradas com marcas de flexão de número ou de caso e que tais traços têm de ser verificados em

³ Veja-se, por exemplo, CUNHA, C. e CINTRA, L. F. - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1984, p. 320. Estes, como outros autores, distinguem a “substantivização” dos possessivos quando estes surgem isolados, em elipse nominal, dos “adjectivos possessivos”, quando precedem o nome.

⁴ Entre outros, CASTELEIRO, J. M. - *A sintaxe na didáctica do Português como língua estrangeira*, in *1º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português*, CLUL, CLUP, CLUC, Núcleos de Linguística de Aveiro e Braga, 1976; RAPOSO, E. P. - *Introdução à Gramática Generativa – Sintaxe do Português*, Lisboa, Moraes Editores, 1979; MATEUS, M. H. *et alii* - *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ªed., Lisboa, Caminho, 1989; MATEUS, M. H. *et alii* - *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ªed. revista e aumentada, Lisboa, Caminho, 2003. Em CASTELEIRO - *op. cit.*, pp. 413-461, propunham-se as seguintes regras sintagmáticas: (i) SN → (Pré-Artigo) Artigo (Pós-Artigo) + N, sendo os possessivos considerados um dos pós-articles do Português. Para dar conta da posição pós-nominal foi proposto o movimento do possessivo da posição pré-nominal para pós-nominal por BRITO, A. M. - *Sobre as noções de sujeito e argumento externo: semelhanças entre a estrutura de F e a estrutura de SN em Português*, in *Boletim de Filologia*, Tomo XXIX, 1984, pp. 421-478.

⁵ Veja-se, em particular, CHOMSKY, N. - *The Minimalist Program*, Cambridge, Mass., The MIT Press, 1995 e CHOMSKY, N. - *Minimalist Inquiries*, in MARTIN, R., MICHAELS e URIAGEREKA, J. (orgs.) - *Step by Step. Essays on Minimalist Syntax in Honour of Howard Lasnik*, Cambridge, Mass., The MIT Press, 2000, pp. 89-155.

posições adequadas. Mas enquanto nos primeiros textos minimalistas tal era visto como um mecanismo de verificação que as expressões nominais tinham que realizar para proveito próprio, nos textos mais recentes isso é considerado como o resultado de um mecanismo de atracção que as próprias categorias funcionais desempenham, de acordo com a natureza de certos traços que as caracterizam. Isto não impede que certas verificações se possam fazer *in situ*; de facto, o Princípio de Economia aplicado ao movimento implica que um constituinte só se desloca se houver uma motivação forte; por sua vez, uma vez movido para uma posição em que possa verificar os seus traços, o constituinte não deve ser deslocado.

Os níveis de Estrutura-P e de Estrutura-S perdem peso neste programa, interessando, sim, que a gramática gere representações que possam ser articuladas com os dois níveis de interface referidos.

Neste quadro teórico, a variação entre gramáticas particulares pode, em grande parte, ser vista como o resultado do leque e da natureza dos traços linguísticos que actuam em cada gramática e do modo como tais traços interactuam com o sistema computacional. E aquilo que em fases da teoria tem sido designado estabelecimento de parâmetros (“parameter setting”) consistirá, no fundo, na selecção dos valores para uma dada categoria e na aquisição dos mecanismos adequados.⁶

Como se verá no ponto seguinte, grande parte da variação na forma dos Sintagmas Nominais (SN) através das línguas pode ser explicada à luz destes desenvolvimentos. Mas tal perspectiva só tem sido possível porque se deslocou a discussão da parte lexical para as categorias funcionais no interior do SN.

1.3. A “hipótese Sintagma Determinante”: razões semânticas e razões sintácticas

As expressões nominais não são uniformes, sendo crucial distinguir entre expressões nominais referenciais e expressões nominais predicativas; nas primeiras (ilustradas através do exemplo (1a)), os determinantes (ou os quantificadores) são, semanticamente, operadores que ligam uma variável correspondente ao nome; nas segundas, muitas vezes sem qualquer tipo de determinação, como se evidencia no exemplo (1b), existe uma parte lexical dominada pela presença do N e seus argumentos, quando existem:⁷

⁶ CHOMSKY, N. - *Minimalist Inquiries...*, p. 100.

⁷ Sobre este assunto, ver, entre outros, STOWELL, T. - *Determiners in NP and DP* in LEFFEL, K. e BOUCHARD, D. (orgs.) - *Views on Phrase Structure*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, 1991, pp. 39-56. O autor distingue entre expressões nominais referenciais e não referenciais e propõe que, ao nível da FL, a natureza da expressão resulta do seu núcleo: um sintagma predicativo tem um

(1)(a) *O professor* entrou.

(b) O João é *professor*.

Também do ponto de vista sintáctico, os determinantes e os quantificadores são, nas expressões referenciais, o “centro” de tais construções. Recorde-se alguns comportamentos em várias línguas que mostram esse estatuto:

1) Em primeiro lugar, a existência de marcas de número, género e caso nos determinantes, quando muitas vezes tais marcas não existem no próprio N; é o que acontece em Alemão e em Grego Moderno:⁸

(2)(a) der (nom) Vater; den (acus) Vater

(b) o (nom) Yanis, to (acus) Yani

Embora o caso seja uma informação do SN inteiro, D comporta-se como núcleo da construção em (2a) e (2b).

2) A nível sincrónico, a coincidência parcial, na grande maioria das línguas românicas (Português, Espanhol, Francês), entre artigos e pronomes fracos Objecto de 3ª pessoa:⁹

(3)(a) os livros / li-os

(b) les livres / je les ai lus

(c) los libros / yo los lei

3) O paralelismo entre SN e Frase a vários níveis; veja-se, entre outros fenómenos, a semelhança entre a passiva verbal e as nominalizações, ilustrada em Inglês nos exemplos (4a e b) e em Português nos exemplos (5a e b):

(4)(a) the city's destruction by the army

(b) the city was destroyed by the army

(5)(a) a cidade foi destruída pelo exército

(b) a sua destruição pelo exército (*sua* Tema ou Objecto)

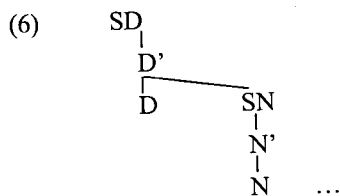
Na seqüência de reflexões deste tipo, Abney desenvolveu a chamada “hipótese Sintagma Determinante”, segundo a qual aquilo que se designa tradicionalmente um

núcleo predicativo; um sintagma argumental tem um núcleo argumental (p. 45). Em contextos predicativos, como em *John is a doctor, I consider John the smartest student, John is my friend, etc.*, as expressões nominais não são referenciais mas são de igual modo SDs, podendo um SD ter como núcleo diversos tipos de determinantes em contexto predicativo: indefinido, definido, determinante nulo, numeral ou possessivo. Relativamente aos possessivos, esta proposta não parece necessária, mesmo para línguas como o Inglês, se *my* em *John is my friend* estiver em Esp de SN, por Compor, e não em D. De facto, sendo uma expressão predicativa, estar-se-ia perante um SN e não um SD (ver parte 2. adiante).

⁸ Cf. OUHALLA, J. - *Functional categories and parametric variation*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1991, pp. 159-160.

⁹ Cf. VINCENT, N. - *The emergence of the D-system in Romance* in van KEMENADE, A. e VINCENT, N. (orgs.) - *Parameters of Morphosyntactic Change*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997, p. 151.

SN é a projecção da categoria funcional D / Q.¹⁰ Quanto à parte lexical da categoria, o SN, isto é, a parte onde é gerado o núcleo nominal e os seus argumentos, quando existem, é encarada nesta análise como um “complemento” funcionalmente seleccionado por D ou outros núcleos funcionais; a estrutura em (6), que se apresenta, por comodidade, nos moldes habituais da Teoria X-Barra, descreve esta concepção:



parte funcional parte lexical

Mas esta análise não é suficiente, não só por não contemplar posições para os possessivos, entre outros elementos, mas também porque ela não explica o que se passa nalgumas línguas, em particular a existência de marcas do possuidor no núcleo que designa o objecto possuído.

1.4. Evidências sintácticas para a existência de categorias funcionais para além de D

Com efeito, línguas como o Húngaro e o Turco, entre outras, mostram que há algo mais na estrutura do SD do que aquilo que é descrito em (6).

Observe-se o exemplo (7) do Húngaro.¹¹

(7) az en vendeg-e-m
 eu-nom hóspede-possuído-1ªsing
 o meu hóspede

Ou o exemplo (8) do Turco:¹²

(8) ben-im stakoz-um
 eu-gen lagosta-1ªsing
 a minha lagosta

Vemos que em exemplos como (7) e (8) o núcleo nominal, que designa o objecto possuído, concorda com o possuidor e que essa concordância é parecida com a concordância sujeito-verbo ao nível frásico.

¹⁰ ABNEY, S. - *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*, Ph. D. Diss., MIT, 1987.

¹¹ SZABOLCSI, A. - *The possessor that ran away from home in The Linguistic Review*, 3, 1, 1983, pp. 89-102.

¹² OUHALLA, J. - *op. cit.*, p. 160.

Por isso, vários autores propuseram que há um nó do tipo Flexão / Concordância no SD, a que é costume designar CONC.¹³ Tal categoria deve conter traços de Nome e de Pessoa, ficando em aberto se tem também um traço de Número.¹⁴

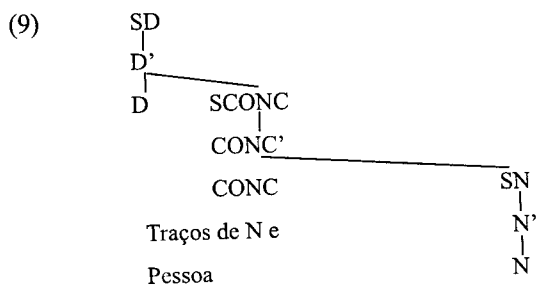
No pronomes pessoais e nos possessivos, os traços de Pessoa e de Número são claramente interpretáveis: no caso das 1ª e 2ª pessoas, exprimem-se valores dêicticos; no caso da 3ª, há valor dêictico ou anafórico. Por sua vez, o Número é relevante pois está relacionado com a cardinalidade: *eu* é diferente de *nós*, *teu* é diferente de *vosso*.¹⁵ No caso das expressões nominais que não contêm marcação de Pessoa, assumir-se-á, como situação não marcada, que comportam o traço de 3ª pessoa.¹⁶ A estrutura (9) é assim uma hipótese para descrever o SD em geral:

¹³ A existência de categorias funcionais no interior de SD tem sido motivo de discussão e de hesitação. Em BRITO, A. M. - *Nominal specifiers in European Portuguese* in *Actas do Workshop sobre Gramática Generativa*, Associação Portuguesa de Linguística, 1989, pp. 1-26 e em BRITO, A. M. - *Presença / ausência de artigo antes de possessivo no Português do Brasil* in *Actas do XVI Encontro da APL*, Lisboa, 2001, pp. 551-575, propõe-se SCONC; em BRITO, A. M. - *Noun movement, agreement and word order in Portuguese "Nominal Phrase"*, in *Actas do Workshop sobre o Português*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1992, pp. 25-60, propõe-se SNUM e SGEN; em BRITO, A. M. - *Português Europeu / Português Brasileiro: algumas diferenças sintáticas* in *(Pré) Publications*, Romansk Institut, Aarhus Universitet, 168, 1999, pp. 12-34 fala-se em SPOSS. Com base em dados do Hebreu, RITTER, E. - *Two functional categories in Noun Phrases: Evidence from Modern Hebrew*, in ROTHSTEIN, S. (org.) - *Syntax and Semantics 26, Perspectives on Phrase Structure: Heads and Licensing*, Academic Press, New York, 1992 propõe SNUM. Para o Catalão, PICALLO, M. C. - *Nominals and nominalizations in Catalan* in *Probus*, 3, 3, 1991, pp. 279-316 e PICALLO, M. C. - *Catalan possessive pronouns: the Avoid Pronoun Principle revisited*, in *Natural Language and Linguistic Theory* 12, 1994, pp. 259-299 propõe SNUM e SGEN. Brito afastou-se da categoria Género por esta ser uma informação de natureza lexical, que deve estar prevista no Léxico e não na Sintaxe. Picallo faz uso das duas categorias funcionais para descrever e explicar o comportamento dos possessivos no Catalão, pois considera que a Hierarquia Temática que caracteriza os possessivos tem um correlato sintático. Assim, os possessivos com valor de Possuidor estariam associados à posição de Esp de SNUM e o Agente ou o Experienciador estaria associado à posição de Esp de SGEN.

¹⁴ A categoria Número parece não ter o mesmo grau de universalidade do que Pessoa. E no caso de certas variedades do Português, o Número pode não ser realizado no Nome: *os menino* (Português Brasileiro, Português de Moçambique).

¹⁵ T. Say considera que o traço de Pessoa, sendo relacional, é mais complexo do que o de Número, o que explicaria o facto de ser mais tardio na aquisição (SAY, T. - *Feature Acquisition in Bilingual Child Language Development*, in *Arbeiten zur Mehrsprachigkeit / Working Papers in Multilingualism*, Universität Hamburg, 18, 2001).

¹⁶ Os traços de Pessoa e de Número, traços ϕ , poderão não ser interpretáveis no domínio da Frase, como propõe Chomsky (CHOMSKY, N. - *The Minimalist Program...*, cap. 5 e *Minimalist Inquiries...*, p. 124) e apenas T(empo) ser relevante, porque os traços de Pessoa e de Número do sujeito são interpretados no V para o nível de FL, o que capta a ideia tradicional de que é o V que concorda com o sujeito e não o contrário.



Ora, no interior desta categoria, podem vir a dar-se dois tipos de movimentos: movimentos de expressões nominais, projecções máximas SD, e movimentos de núcleos.

O movimento de expressões nominais SD está relacionado com a verificação de caso genitivo nas línguas que comportam genitivos pré-nominais e também com a posição de certos possessivos, como se verá adiante.¹⁷

1.5. Evidências para o movimento de N

Quanto ao movimento de núcleos, em particular do N, pode ser de vários tipos.

No Romeno, ilustrado em (10), nota-se a existência de artigo enclítico ao N, o que motivou a proposta de que o N se move para D:¹⁸

- (10)(a) lupul
 lobo-o
 (b) lupul frumoaș
 lobo-o formoso

¹⁷ De acordo com ABNEY, S. – *op. cit.*..., p. 59: “D... is a hypothetical syntactic category which is [+F], but distinguished from Infl and Comp in that it belongs to the nominal system, not the verbal system: i.e. D is the site of Agr in the noun phrase”; no Inglês, D seria também a posição dos possessivos (*my book*) mas é a posição de *'s* em *John's book*, estando *John* em Esp de SD. Desenvolvendo esta ideia, considera-se em geral que as línguas germânicas têm um traço forte de Caso Genitivo em D que motiva o movimento de uma expressão nominal para Esp de SD.

¹⁸ Cf. DOBROVIE-SORIN, C. - *À propos de la structure du groupe nominal en roumain*, in *Rivista di Grammatica Generativa*, 12, Univ. Press, Padova, 1987, pp. 123-152. Mais recentemente, GIUSTI, G. - *The Birth of a Functional Category: from Latin ILLE to the Romance Article and Personal Pronoun*, in CINQUE, G. e SALVI, G. (orgs.) - *Current Studies in Italian Syntax. Essays offered to Lorenzo Renzi*, Elsevier, Amsterdão, 2001, pp. 157-171, mostra que, em Romeno, o artigo também pode aparecer ligado ao adjetivo (*frumosul baiat* – bonito-o rapaz) e assume formas diferentes: *fratele bun / poetul mare*; daí que Giusti (p. 162), na sequência de outros autores, considere que a forma básica do artigo é –IV em que V é uma vogal não especificada que depende da sílaba precedente e portanto não se trata verdadeiramente de um clítico mas de um morfema que faz parte do quadro flexional da raiz junto da qual aparece.

No caso do Italiano, Longobardi propõe que os nomes próprios, na ausência de artigo, sobem para D (veja-se em particular (11c)):¹⁹

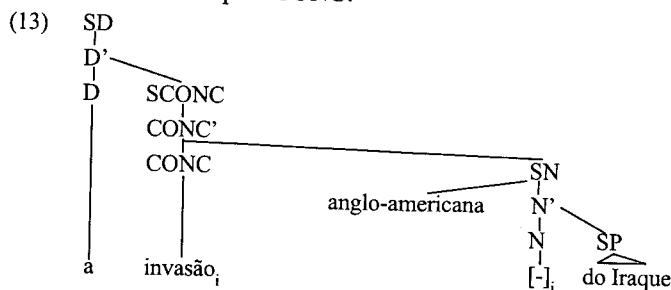
- (11)(a) Il mio Gianni ha finalmente telefonato.
 (b) * Mio Gianni ha finalmente telefonato.
 (c) Gianni mio ha finalmente telefonato.
 (d) Il Gianni mio ha finalmente telefonato.

Vemos já que a motivação do movimento de N para D não é uniforme; de facto, enquanto no Romeno o movimento se relaciona com o carácter clítico do artigo, já no caso dos nomes próprios do Italiano, a explicação é outra: as expressões nominais argumentais têm de ter preenchida lexicalmente a posição de D, ao nível sintáctico.²⁰ Voltaremos a esta proposta mais tarde quando observarmos o que se passa em Latim, uma língua sem artigos, como se sabe.

Em Português e noutras línguas românicas, há justificação para movimento parcial do N, como forma de explicar a ordem dos adjectivos temáticos, que ocupam necessariamente a posição pós-nominal:²¹

- (12)(a) a invasão anglo-americana do Iraque
 (Agente) (Tema ou Objecto)
 (b) * a anglo-americana invasão do Iraque

A estrutura de (12a) parece ser como se descreve em (13), no pressuposto de que *anglo-americana*, sendo o argumento externo do N, é gerado por Comp em Esp de SN e o N movido para CONC:



¹⁹ LONGOBARDI, G. - *Reference and proper names: a theory of N-movement in Syntax and in Logical Form*, in *Linguistic Inquiry*, 25, 4, 1994, pp. 609-665, especialmente p. 623.

²⁰ Neste texto não será tratada a distinção entre a leitura genérica e a leitura existencial dos chamados „nomes simples“, um dos temas centrais do já referido artigo de Longobardi.

²¹ Cf. CINQUE, G. - *On the evidence for partial N-movement in the Romance DP* in CINQUE, G. et alii (orgs.) - *Paths towards Universal Grammar, Studies in honour of Richard Kayne*, Georgetown University Press, 1994, pp. 85-110; para o Português, BRITO, A. M. - *A ordem de palavras no Sintagma Nominal em Português numa perspectiva de sintaxe comparada - um caso particular: os Ns deverbiais eventivos*, in *Actas do Congresso Internacional do Português*, Lisboa, Ed. Colibri, 1996, pp. 81-106. Nestes textos defende-se que nas línguas românicas os traços nominal e morfológicos de CONC são fortes e que atraem (nos termos actuais) o N em Sintaxe; pelo contrário, tais traços em Inglês seriam fracos, o que explicaria a inexistência de movimento.

Pelo contrário, em Inglês, tal movimento não existe, explicando a ordem exibida em (14):

(14) the anglo-american invasion of Irak

Admitir-se-á, portanto, a partir deste momento, que a estrutura da categoria SD é qualquer coisa como (9) e que, em Português, há evidência para movimento parcial de N para a CONC.

2. Para uma análise dos possessivos em PE

2.1. Pronomes pessoais e possessivos

Dadas as considerações apresentadas e dada a estrutura (9), como analisar pronomes pessoais e possessivos?

Os pronomes pessoais são expressões nominais referenciais e, por isso, dada a “hipótese SD” acima apresentada, eles deveriam ser tratados como SDs, codificando um traço lexical de N, traços morfológicos de pessoa, número, caso, género na terceira pessoa, e traços semânticos, [+ definido] e, por defeito, [+ específico].

Nos últimos anos, desenvolvendo sugestões surgidas nos anos sessenta e setenta,²² iniciou-se uma investigação orientada para a estrutura interna dos pronomes,²³ tendo sido possível perceber que eles se distinguem entre formas deficientes e formas fortes; e nas formas deficientes entre fracos (não clíticos) e os clíticos, quase afixos.²⁴

²² Veja-se em particular: POSTAL, P. - *On the so-called “Pronouns” in English* in REIDEL, D. e SCHANE, S. (orgs.) - *Modern Studies in English*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs NJ, 1969, pp. 201-224; KAYNE, R. - *French Syntax. The Transformational Cycle*, Cambridge, Mass., The MIT Press, 1975; RAPOSO, E. P. - *Sobre a forma o em Português*, in *Boletim de Filologia*, 22, 1973, pp. 361-415. Nestes textos, Postal e Raposo notaram que certos pronomes de 1ª e 2ª pessoas podem ser seguidos de nomes, tal como os artigos: (i) *Nós estudantes temos os nossos direitos a defender; vocês prisioneiros que tentaram escapar dêem um passo em frente* (exs. de Raposo). Outro argumento invocado por Raposo para sustentar o estatuto de D de certos pronomes é a possibilidade de emprego de *próprio, mesmo* depois de artigo ou pronome mas não de nome: *ele / o próprio veio cá; nós mesmos comemos o bolo; * João / rapaz próprio veio cá*.

²³ Leia-se CARDINALETTI, A. e STARKE, M. - *The typology of structural deficiency: on the three grammatical classes* in van RIEMSDIJK, H. (org.) - *Clitics in the Languages of Europe*, Mouton de Gruyter, Berlim, 1999, pp. 145-233; CARDINALETTI, A. - *Pronouns in Germanic and Romance Languages: an overview* in van RIEMSDIJK, H. - *op. cit.*, pp. 33-82; ver também RAPOSO, E. P. - *Definite / zero alternations in Portuguese (towards a unification of topic constructions)*, UCSB, Ms., 1996.

²⁴ De acordo com CARDINALETTI, A. e STARKE, M. - *The typology ...* e CARDINALETTI, A. - *Pronouns ...* os pronomes fracos (na verdade, nos exemplos apresentados, trata-se de clíticos) não podem ser focalizados, coordenados, modificados por certos advérbios, ao contrário dos pronomes fortes: *Gianni la conosce / Gianni * LA conosce; Gianni * la e sua madre conosce; Gianni * solo la conosce; Gianni conosce LEI, / lei e sua madre / solo lei*. E por isso sugere-se: os pronomes fortes são SDs plenos; os fracos não são SDs.

Em relação ao Português e simplificando muito, poderíamos propor a existência de três séries de pronomes pessoais, apresentadas em (15):

(15) *Três tipos de pronomes pessoais:*

Pronomes fracos, núcleos mas não clíticos (formas de sujeito): *eu, tu*

Pronomes fracos clíticos, quase afixos: *me, te, se, o, a, os, as*

Pronomes fortes: (co)migo, (con)tigo, *eles, elas*.

Ora, no que diz respeito aos possessivos, já vimos que, por serem próximos de pronomes pessoais ou de expressões nominais no genitivo (*meu=de mim*), se justifica a aproximação a SDs, codificando os traços indicados em (16):

(16) *Traços em comum a pronomes pessoais e possessivos:*

+ N, + pessoa, + caso, + número (relacionado com a pessoa gramatical), geralmente + género (relativo à 3ª pessoa gramatical); por defeito + específico (excepto quando uma forma de 3ª pessoa é ligada por um antecedente quantificacional).²⁵

Mas, por outro lado, quando co-ocorrem com nomes, os possessivos podem ser caracterizados ou não, conforme as línguas, por traços de número e género em relação ao objecto possuído, como acontece com outros determinantes e quantificadores; nalgumas línguas, exprimem valores de definitude, noutras são não especificados relativamente a este traço, como se indica em (17) e como se tornará mais claro pela continuação da exposição:

(17) *Alguns traços específicos dos possessivos:*

+/- número e +/- género (em relação ao objecto possuído); +/- definido.

Quer dizer, os possessivos exprimem simultaneamente valores de pronomes pessoais e de Ds, parecendo ser elementos mistos, de natureza lexical e funcional.

Importa investigar, num primeiro momento, se há contextos em Português que favoreçam um estatuto de SD ou um estatuto de D dos possessivos e, num segundo momento, se o estatuto categorial dos possessivos é variável de língua para língua.

²⁵ Conforme assinalou Eduardo Paiva Raposo na arguição a este texto, *na sua relação com as pessoas do discurso*, os possessivos, tal como os pronomes pessoais, e exceptuando o caso de não especificidade - que só acontece com a 3ª pessoa (*cada criança / toda a criança gosta da sua mãe*) - são sempre [+ definidos]. Assim, em *eu leio, o meu livro, eu e meu* remetem necessariamente para o locutor. Nesse sentido, nas línguas em que o possessivo fraco é definido e ocupa a posição de D, como é proposto na bibliografia relevante e como adiante se adoptará, haveria dois traços de [+ definido] no mesmo D, o que cria um problema de „divisão de trabalho“. Eduardo Paiva Raposo sugere uma solução que não levanta este problema, como se apresenta na nota 52 adiante.

2.2. *Possessivos fracos em posição pré-nominal e possessivos fortes em posição pós-nominal em Português?*

O problema central a analisar nesta parte da exposição é o seguinte: em Português as mesmas formas, do ponto de vista morfo-fonológico, dos possessivos são usadas nas posições pré e pós-nominal (18 a, b), contrastando com o que se passa em muitas outras línguas, que exibem, nesses mesmos contextos, formas distintas: em posição pré-nominal formas fracas, como *mis, mes, my*, em Espanhol, Francês e Inglês, respectivamente; em posição pós-nominal formas fortes (ou formas adjetivais fortes como *tuyos, mine, yours* ou mesmo pronomes fortes, como *moi, em à moi*, em Francês); vejam-se os exemplos em (19), (20) e (21):

- (18)(a) Os meus livros desapareceram
 (b) Uns livros meus desapareceram.

- (19)(a) *mis libros*
 (b) *los libros míos*

- (20)(a) *mes livres*
 (b) *les livres à moi*

- (21)(a) *my house*
 (b) *a house of mine*

A questão que se coloca é saber se a homofonia característica dos possessivos em Português corresponde a uma mesma natureza categorial ou, se, pelo contrário, a morfologia é opaca, escondendo diferentes tipos de possessivos conforme a posição que ocupam.

Com base em testes propostos na literatura quer para os pronomes pessoais quer para os possessivos,²⁶ estudar-se-ão alguns comportamentos dos possessivos pré e pós-nominais em Português, no sentido de verificar se se justifica a distinção entre possessivos fracos e possessivos fortes.

Um dos testes que tem sido proposto é 1):

1) - Comportamento dos possessivos face aos advérbios de exclusão, como *só* e *apenas*:

- (22)(a) * *o só meu livro*
 (b) *o / um livro só meu*

Vemos que (22a) é agramatical, enquanto (22b) é gramatical.

²⁶ Para os pronomes pessoais ver KAYNE, R. *French Syntax ...*; para os possessivos ver CARDINALETTI, A. - *On the deficient / strong opposition in possessive systems* in ALEXIADOU, A. e WILDER, C. - *Possessors, Predicates and Movement within Determiner Phrase*, Amsterdão, John Benjamins Publ. Company, 1998, pp. 17-53; para o Português: CASTRO, A. e COSTA, J. - *Possessivos e advérbios: formas fracas como X^o* in *Actas do XVII Encontro da APL*, Lisboa, 2002, pp. 101-111; MIGUEL, M. - *Para uma tipologia dos possessivos*, in *Actas do XVII Encontro da APL*, Lisboa, 2002, pp. 287-299.

2) – Comportamento dos possessivos face à redução:

- (23)(a) o meu livro
- (b) o me livro
- (c) * o / um livro me

O contraste mostra que o possessivo é reduzível, em certas variantes orais do Português, em posição pré-nominal (como em (23b)) mas não em posição pós-nominal (veja-se (23c)).

Refira-se desde já que a redução opera sobretudo nos possessivos monossilábicos.²⁷

3) - Sensibilidade dos possessivos em relação à interpretação [+/- humana]:

(24)(a) A sua tampa é muito prática (em que *sua* remete para um humano ou para uma caixa)

(b) Uma tampa sua é muito prática (em que *sua* só pode designar um humano, sendo a referência a caixa motivo de agramaticalidade).

Alarguemos agora a análise ao comportamento dos possessivos face à coordenação, à focalização, à acentuação prosódica e ao contraste.

Quanto à coordenação quer não-correlativa quer correlativa ela parece possível se o segundo constituinte for acentuado prosodicamente²⁸ embora os exemplos que coordenam possessivos pré-nominais sejam sempre menos aceitáveis do que os que coordenam pós-nominais; vejam-se os exemplos em (25) e (26):

(25)(a) ?? O meu e TEU artigo está aqui.

(b) Um artigo meu e teu está aqui.

(26)(a) ?? O não só meu mas também TEU artigo foi publicado na revista.

(b) Um artigo não só meu mas também teu foi publicado na revista.²⁹

A focalização, a acentuação prosódica e o contraste mostram que os possessivos pré-nominais e os pós-nominais se comportam de modo semelhante: ambos podem ser focalizados (27a, b), acentuados (28a, b) e contrastados (29a, b):³⁰

(27)(a) A minha filha é que entrou à meia noite.

(b) Uma filha minha é que entrou à meia noite.

²⁷ Embora MIGUEL, M. – *Para uma tipologia ...*, p. 296, dê também exemplos de redução em possessivos dissilábicos.

²⁸ Cf. CASTRO, A. e COSTA, J. – *Possessivos e advérbios ...*, p. 104.

²⁹ Embora os exemplos apresentem alguma diferença, a coordenação não parece ser um bom teste para a distinção entre formas fracas e fortes dos possessivos, como também foi notado por MIGUEL, M. – *Para uma tipologia...*, p. 294.

³⁰ Castro e Costa (ver CASTRO, A. e COSTA, J. – *Possessivos e advérbios ...*, pp. 103-4), usando artigos definidos em ambas as posições, obtêm diferentes resultados (de facto, inversos aos que Cardinaletti propõe para o Italiano) e consideram que os possessivos pré-nominais mas não os pós-

(28)(a) A MINHA filha entrou à meia noite.

(b) Uma filha MINHA entrou à meia noite.³¹

(29)(a) A minha filha entrou à meia noite, mas não a tua.

(b) Uma filha minha entrou à meia noite, não a tua.

Note-se que nos exemplos relevantes é o possessivo que é acentuado e não o Nome, porque frases como (30) são marginais:

(30) * ?? A minha FILHA entrou à meia noite.

Vemos desde já que há três argumentos – a modificação por advérbios de exclusão, a redução e a interpretação [+/-humana] do possessivo de 3ª Pessoa – que favorecem a hipótese de que os possessivos pré-nominais em Português são fracos e de que os possessivos pós-nominais são fortes.

A coordenação parece também apontar nesta direcção, mas a focalização, a acentuação prosódica e o contraste mostram que os possessivos se comportam de maneira igual.

Em relação às restrições de interpretação de *seu*, notadas igualmente por Kato para o Português Brasileiro (PB), elas são, de facto, relevantes.³² No entanto, embora o Português Europeu (PE) e o PB não coincidam totalmente quanto aos valores do possessivo de 3ª pessoa, vou aceitar a sugestão de Kato segundo a qual, na posição pós-nominal, o Português prefere, de um modo geral, a forma *dele* e não um *seu* forte (com um antecedente não quantificado).

Igualmente o teste da redução é importante, embora devesse ser investigado em que circunstâncias operam reduções deste tipo e nomeadamente em que contextos se dá a supressão da semi-vogal [w] no dialecto em causa.

Limitar-me-ei, pois, a discutir brevemente o argumento dos advérbios de exclusão.

nominais podem ser focalizados e acentuados. Como os possessivos pré-nominais podem ser acentuados por processos prosódicos e os pós-nominais por processos sintácticos e prosódicos, considero que este teste não é muito adequado para verificar a existência de formas fracas e fortes de possessivos. O que esperamos é que foco informacional e indefinidade estejam relacionados, e que foco e acento sejam esperados no constituinte mais encaixado (cf. CINQUE, G. - *A Null Theory of Phrase and Compound Stress*, in *Linguistic Theory*, 24, 3., 1993).

³¹ Estes factos parecem revelar que em posição pré-nominal o possessivo acentuado é um foco contrastivo e em posição pós-nominal é um foco informacional.

³² Em KATO, M. - *Pronomes Fortes e Fracos na Sintaxe do Português Brasileiro*, in *Livro de Homenagem a Herculano de Carvalho* (no prelo), a autora mostra que *seu* admite reduplicação no PB, embora em menor extensão do que no Português Medieval. Também no Português Medieval, *seu* tinha um uso não-restrito, no sentido de que podia facilmente referir a humanos e a não-humanos. Kato conclui então que em PB *seu*, como outros possessivos pré-nominais, é uma forma fraca e o *seu* correspondente possessivo pós-nominal forte é *dele*.

Retomem-se os exemplos (22), aqui renumerados como (31):

(31)(a) * o só meu livro

(b) o livro só meu

Esta mesma desigualdade de comportamento verifica-se com adjectivos qualificativos, como evidenciado em (32 a, b, c), onde o adjectivo é um núcleo.³³

(32)(a) * As apenas bonitas raparigas são uma maçada.

(b) As raparigas apenas bonitas são uma maçada.

(c) As raparigas apenas muito bonitas são uma maçada.

Portanto, não deve ser por causa da natureza categorial de *bonitas* ou de *meu* que existe agramaticalidade nos exemplos em que os advérbios de exclusão os afectam em posição pré-nominal.

A explicação tem de ser outra e pode envolver problemas de escopo do advérbio: assim, gostaria de sugerir que uma das razões da diferença entre (31a) e (31b) se deverá ao facto de o advérbio ter em (31a) dois núcleos como escopo - *meu e livro* - e em (31b) apenas um.

Poderia contrapor-se com exemplos do tipo de (33):

(33) Ele come só fruta madura

em que aparentemente *só* modifica dois núcleos, *madura e fruta*; mas, na verdade, *só* afecta unicamente *madura*, sendo a desambiguação do escopo dada por meios fonológicos quando não há adjacência, como é o caso.³⁴

Vemos, pois, que um argumento que permitia chegar à conclusão de que os possessivos pré-nominais são fracos e que os pós-nominais são fortes é problemático; além disso, a focalização, a acentuação prosódica e o contraste favorecem que são de igual natureza categorial.

A exposição anterior permite esboçar uma hipótese: em Português (incluindo aqui o PE e o PB), tanto em posição pré-nominal como em posição pós-nominal os possessivos têm a mesma natureza categorial: são Ds na posição de núcleo funcional do SD mais elevado ou são núcleos de SD ocupando posições diferentes no todo da categoria de que fazem parte.

De forma a verificar a validade desta hipótese importa analisar com mais algum detalhe as principais propriedades dos possessivos em posição pré e pós-nominal.

³³ Agradeço a Marina Vigário esta comparação com os adjectivos.

³⁴ Como propõe VIGÁRIO, M. - *Processos de desambiguação prosódica em estruturas com advérbios de exclusão*, in BRITO, A., OLIVEIRA, F., PIRES DE LIMA, I. e MARTELO, R. (orgs.) - *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, Porto, Ed. Campo das Letras, 1997, pp. 855-868.

2.3. Os possessivos pré-nominais no PE

2.3.1. Relação entre possessivos, artigos definidos e indefinidos

De um modo geral, a posição dos possessivos é sensível à definitude / indefinitude: os possessivos antepõem-se com artigos definidos e demonstrativos e pospõem-se com indefinidos, numerais, interrogativos, exclamativos.³⁵

(34) o / este meu amigo

(35)(a) uns amigos nossos

(b) três amigos meus

(c) Quantos amigos meus encontraste?

(d) Que amigos nossos!

Mas alguns falantes do PE admitem possessivos pré-postos com indefinidos e numerais:

(36)(a) Uma minha amiga saiu.

(b) Um nosso amigo teve problemas.

(c) Três meus amigos telefonaram-me.

O que indicia alguma variação na gramática dos possessivos pré-nominais.

2.3.2. Interpolação de advérbios temporo-aspectuais e de grau

Essa variação é confirmada pela possibilidade ou não de interpolação de advérbios entre artigo e possessivo. Geralmente, os possessivos seguem imediatamente o artigo definido ou o demonstrativo, como em (34); porém, alguns falantes admitem a presença de advérbios temporo-aspectuais, como em (37):³⁶

(37)(a) A ainda minha mulher

(b) O ainda meu andar

(c) A já sua noiva

e admitem a modificação por advérbios de grau, como em (38):³⁷

(38)(a) Quero apresentar-lhes a muito minha amiga Maria.

(b) Acabou de entrar a pouco minha apreciada candidata.

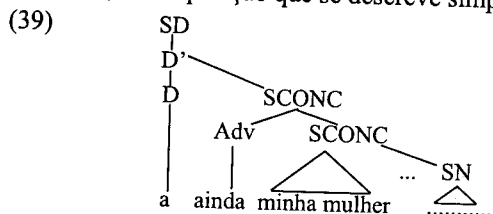
Repare-se que há uma diferença entre os dois tipos de advérbios que podem

³⁵ Cf. BRITO, A. M. - *Sobre as noções de sujeito...*; CASTRO, A. - *Os possessivos em português europeu e português brasileiro. Unidade e diversidade*, in *Actas do XVI Encontro da APL*, Lisboa, pp. 599-613.

³⁶ Cf. BRITO, A. M. - *Presença / ausência ...*, p. 569.

³⁷ Cf. MIGUEL, M. - *Para uma tipologia...*, p. 294; MIGUEL, M. - *O estatuto categorial dos possessivos: possessivos e adjectivos*, in *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, CLUP, Porto, pp. 191-202; MIGUEL, M. - *Possessive pronouns in European Portuguese and Old French*, in *Journal of Portuguese Linguistics*, 2.

interpor-se entre artigos e possessivos: *ainda* e *já* parecem ser adjuntos, gerados entre D e SCONC, numa posição que se descreve simplificadamente em (39):



Por sua vez, *muito* é um advérbio de grau, modificando o possessivo propriamente dito, porque nesta gramática o possessivo tem o traço [+ grau], indiciando que o SD tem uma estrutura interna.

Face aos juízos de gramaticalidade distintos nos falantes do PE em relação a estes dados, M. Miguel formula a hipótese da existência de duas gramáticas diferentes no que respeita aos possessivos: uma gramática que chama “conservadora”, que admite a posição pré-nominal do possessivo com indefinido e a interpolação de advérbios; e a gramática “padrão”, que é caracterizada por adjacência entre artigo e possessivo e que não admite a anteposição de possessivos com indefinidos. Ainda de acordo com a autora, nesta segunda gramática, estar-se-ia a dar um processo de reanálise, com a natureza de núcleo (D) dos possessivos pré-nominais a dominar a natureza de SD.

Como já se percebe pela hipótese acima apresentada e se tornará mais claro pela continuação da exposição, o comportamento dos possessivos pré-nominais no PE não justifica necessariamente esta última conclusão.

2.3.3. Algumas considerações de natureza lexical e a posição dos possessivos pré-nominais

Mas antes de analisar com mais precisão a ou as posições possíveis dos possessivos pré-nominais, justificam-se agora algumas considerações de natureza lexical.

Sabemos que os possessivos estabelecem com o núcleo nominal diferentes tipos de relações semânticas, “Relações-R” (referenciais),³⁸ grandemente dependentes do nosso conhecimento do mundo, isto é, uma relação de Possuidor, de Tema, de Agente / Autor ou de Experienciador ou outra, conforme a natureza

³⁸ Ver, em particular, HIGGINBOTHAM, J. - *Logical form, binding and nominals*, in *Linguistic Inquiry*, 14, 1983, pp. 395-420 e GRIMSHAW, J. - *Argument Structure*, Cambridge, Mass., The MIT Press, 1990.

semântica do N. É a interpretação de Possuidor que caracteriza, aliás, a grande maioria dos exemplos até aqui apresentados.³⁹

Proporei que os possessivos, pelo seu carácter quasi-argumental, ocupam a posição de Esp de SN, gerados pela operação Compor. Como em Português o N se move em Sintaxe por movimento parcial para a categoria funcional CONC, a posição pré-nominal dos possessivos nos contextos considerados tem de ser explicada.

Dado que os possessivos têm um traço inerente de caso genitivo e pelo facto de existirem situações de redobro, como ilustrado em exemplos do tipo de (40):

(40) o seu livro dele,
mais frequentes no Português Medieval e no PB e raros no PE Moderno, a motivação para o movimento do possessivo não pode ser a verificação do caso.⁴⁰

Assim, proporei que o traço categorial [+N] e o traço morfológico de Pessoa de CONC atraem um constituinte de natureza D / SD,⁴¹ também

³⁹ É pelo facto de os possessivos poderem ser Possuidores ou Agentes / Experienciadores que em PICALLO, C. – *op. cit.* se propõe duas e não apenas uma posição à esquerda para os possessivos. Como não vou analisar exemplos com dois possessivos simultaneamente, coloco apenas a hipótese de uma posição. No entanto, tal não deverá impedir a possibilidade de duas posições à esquerda do N. Se exemplos como *a nossa revolta estudantil*, com um possessivo (Poss) e um adjectivo relacional (Agente) ou *a nossa fotografia tua do Porto* (Poss, Agente e Tema, respectivamente) são gramaticais, então justifica-se duas e não apenas uma posição pré-nominal.

⁴⁰ Nos seus textos sobre possessivos, M. Miguel não responde explicitamente à questão da motivação do movimento do possessivo, mas a autora apresenta um contraste relacionado com a leitura específica / não específica dos possessivos que constitui uma pista interessante. Assim, considera que, na gramática padrão do Português, são excluídas frases com possessivos pré-nominais com indefinido em contextos negativos / opacos e que só a posição pós-nominal é possível, como nos exemplos (ii)-(iv):

(i) Um meu amigo trouxe-me uma prenda de Paris / Um amigo meu trouxe-me uma prenda de Paris.

(ii) * Um meu amigo não diria isso / Um amigo meu não diria isso.

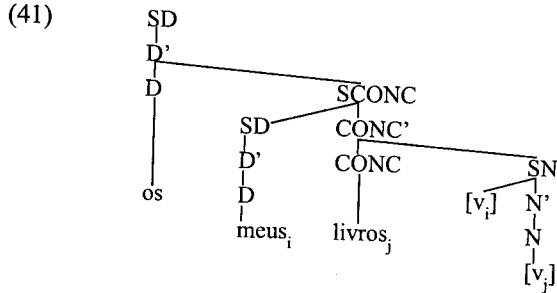
(iii) * Nenhum meu amigo disse isso / Nenhum amigo meu diria isso.

(iv) * Procuo um meu amigo que queira ir comigo a Paris / Procuo um amigo meu que queira ir comigo a Paris.

A autora sugere que em (i) há pressuposição de existência de uma entidade e o juízo é categórico (a autora não usa, na verdade, esta expressão); pelo contrário, nos exemplos (ii), (iii) e (iv) estamos perante juízos téticos, com uma interpretação de foco informacional neutro (MIGUEL, M. – *Possessive...*, p. 22).

⁴¹ Dado o carácter „intransitivo“ dos possessivos, tal como dos pronomes pessoais fracos, estatuto que Postal, Raposo, Stowell e outros têm reclamado, não há, de facto, evidência para o nível D' nos possessivos, como aqui vou assumir. Neste texto, pretendo sobretudo realçar o estatuto duplo SD / D dos possessivos, independentemente de uma análise interna mais fina que possa vir a propor-se. KOOPMAN, H. – *The internal and external distribution of pronominal DP_s* in JOHNSON, K. e ROBERTS, I. (orgs.) – *Beyond principles and Parameters*, Kluwer Academic Publishers, 1999, pp. 91-132, apresenta, pela primeira vez que eu saiba, a hipótese de um pronome ter uma estrutura interna similar à de um SD, com uma categoria funcional SCONC e a categoria lexical SN no seu interior.

com o traço de Pessoa, o Possessivo,⁴² gerando-se a estrutura que se apresenta em (41):⁴³



Ocupando a posição de Esp de uma categoria funcional alta, o possessivo deixa disponível não só a posição de D para o artigo definido, o demonstrativo ou mesmo o indefinido na chamada gramática “conservadora” como deixa livre posições baixas para adjectivos e outros tipos de quantificadores; veja-se (42):

(42) a minha linda carteira / * a linda carteira minha / * a linda minha carteira.⁴⁴

Recorde-se que para os falantes da gramática dita “padrão” há uma estreita relação entre artigo definido e possessivo anteposto,⁴⁵ o que pode significar, como

⁴² No mesmo sentido, ver ZRIBI-HERTZ, A. - *Le système des possessifs en français standard moderne*, in *Langue Française*, 122, 1999, pp. 7-29; BRITO, A. M. - *Presença / ausência ...*, p. 566; e CASTRO, A. - *O sistema dos possessivos em Francês e em Português*, in MATEUS, M. H. e CORREIA, C. N. (orgs.) *Saberes no Tempo, Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Colibri, 2002, pp. 199-210, especialmente p. 209.

⁴³ Picallo mostra convincentemente que a posição final ocupada pelo possessivo na posição de Esp da categoria funcional (no seu sistema SNUM) é uma posição A e não A barra. De facto, a extracção de genitivos sobre possessivos exhibe, embora de forma ténue em Português, efeitos de Opacidade / Minimalidade Relativizada (como proposto em geral na Teoria da Regência e da Ligação (PICALLO, C. - *Catalan ...* p. 294); sobre os efeitos de “opacidade” no SN ver BRITO, A. M. - *Extraction out of NP revisited*, in Caron, B. (org.) - *Proceedings of the XVIth International Congress of Linguists (20-25 July 1997)*, CDROM, Pergamon, Elsevier, Amsterdam, 1997 e bibliografia aí indicada:

- (i) ?De quem (Tema) é que viste a tua (Poss / Agente) fotografia?
- (ii) De quem (Poss / Agente) é que viste a tua (Tema) fotografia?

Picallo realça igualmente que os possessivos evidenciam a existência de uma Hierarquia Temática, como no domínio frásico, o que mais uma vez mostra o seu carácter argumental.

⁴⁴ Na verdade, a situação é mais complexa pois, em relação a numerais e à palavra *outros*, há uma certa “opcionalidade” nas posições dos possessivos: *os outros três meus livros*; *os outros meus três livros*; *os meus outros três livros* (ver BRITO, A. M. - *Presença / ausência ...*, p. 558 e principalmente MIGUEL, M. - *Possessive...*, que sugere a possibilidade de os possessivos ocuparem não duas mas três posições pré-nominais, Esp de SN, Esp de SNUM e Esp de SCONC.

⁴⁵ Em CASTRO, A. e COSTA - *Possessivos e advérbios ...* p. 110, sugere-se que o artigo definido e o possessivo estão em adjunção e, caso haja interpolação de advérbios como *já* e *ainda*, essa possibilidade é explicável porque estes advérbios são fracos e poderiam também estar em adjunção a D.

propõe M. Miguel, que o possessivo “só é legitimado numa posição de adjacência a D^o, sob o escopo do artigo definido, de onde recebe a sua interpretação [+ definida] – i.e., o traço definido do artigo “propagou-se” ao possessivo.”⁴⁶

Independentemente deste requisito, o Português pertence ainda, predominantemente, ao grupo das línguas em que os possessivos pré-nominais surgem numa estrutura como a descrita em (41), sendo „adjectivos pronominais” ou „adjectivos possessivos” e ocupando, portanto, uma posição adnominal que não é a do D mais elevado. Por outro lado, os possessivos, pelo facto de remeterem para pronomes pessoais (*meu = de eu / de mim*), são expressões referenciais (SD), sendo o núcleo do SD ocupado pelo possessivo propriamente dito. Quer dizer, de acordo com esta proposta, os „adjectivos pronominais” ou „adjectivos possessivos” mais não são do que um tipo de D, com um traço categorial de Nome, traços morfológicos de número, género, caso genitivo, pessoa (1^a, 2^a, 3^a), traços de [+/-número], [+/-género] em relação ao objecto possuído e um traço semântico de [+específico] (por defeito).⁴⁷

2.3.4. Os possessivos pré-nominais noutras línguas românicas e germânicas e no PB

Contrastando já de seguida o PE com outras línguas românicas e germânicas, nomeadamente o Francês, o Castelhana, o Inglês e o Alemão, vemos que os possessivos não co-ocorrem com artigos ou outros determinantes, como ilustrado nos exemplos (43)-(46):⁴⁸

(43) mes livres

(44) mis libros

(45) my books

(46) meine Bücher (nom.)

Não parece ser esta uma boa solução porque isso levaria a três constituintes em adjunção a D. Por outro lado, Castro defende que em *este livro teu* há um traço [- def] e que Pessoa não é atraído, o que igualmente não parece adequado, dado que *este*, sendo um demonstrativo, é definido (CASTRO, A. – *Possessivos* ..., p. 209),

⁴⁶ MIGUEL, M. - *Para uma tipologia* ... , p. 296.

⁴⁷ Recorde-se que na gramática dita „conservadora” do PE, os possessivos são não especificados quanto ao traço de definitude e podem ser [+ grau]; na gramática dita „padrão” são [+ def] por „propagação” e [- grau].

⁴⁸ Picallo mostra que a presença / ausência de artigo é motivo de variação em línguas muito próximas: *el teu germà* - o teu irmão (Catalão); *tu hermano* (Castelhana); *frade duo* (Sardenha); *fratuta* (Salentino) e que é com nomes de parentesco que a presença de artigo é menos importante (PICALLO, C. – *Catalan* ... p. 292).

Para dar conta desta variação, Giorgi e Longobardi formularam o chamado "Parâmetro dos Possessivos":⁴⁹

(47) "Os elementos possessivos são sintacticamente especificados para serem realizados à superfície quer como Adjectivos (como em Italiano) quer como Determinantes (como em Inglês e Francês)."

Recorde-se exemplos relevantes do Italiano e do Português:

(48) la sua casa

(49) a sua casa

De acordo com a formulação do parâmetro de Giorgi e Longobardi, haveria a dividir universalmente os possessivos um problema de categorização gramatical.

Em termos minimalistas, o parâmetro poderia ser reformulado do seguinte modo:

(50) *Parâmetro dos Possessivos*: o traço de Pessoa está associado ao traço de [+ definido]: *sim* em Castelhana, Francês, Inglês, Alemão; *não* em Italiano e Português.

Note-se que relativamente a este fenómeno se observa variação dialectal em várias línguas, como se mostra em (51) e (52):

(51)(a) il suo padre (Italiano padrão)

(b) el me libro (dialecto de Pádua)

(c) so pare de Toni (dialecto de Pádua) (o seu pai de Toni, com redobro)⁵⁰

(52)(a) mi casa (Castelhana)

(b) la mi casa (Astúrias)

Por seu lado, também o PB exhibe diferenças relativamente ao PE, sendo a mais relevante a forte tendência de supressão do artigo antes de possessivo, como em (53) e (54):

(53) Teu amigo é inteligente.

(54) Minha carteira sumiu.

A co-existência de formas com artigo e a aceitação, por parte de falantes que não produzem artigo em presença de possessivo na oralidade, de fenómenos de interpolação como os de (37) mostra que, no PB, coexistem também, pelo menos, duas gramáticas dos possessivos.

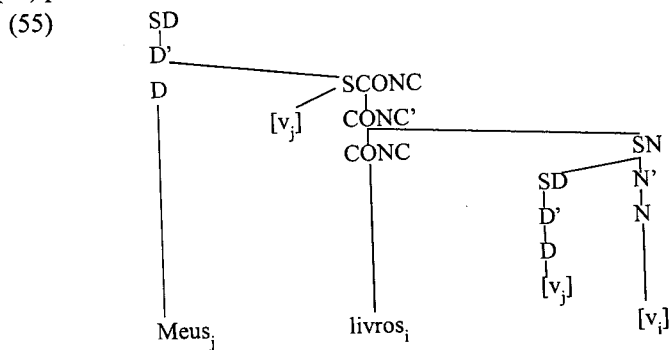
Ora, a existência de formas como (53) e (54) aproxima o PB do Francês, do Castelhana Moderno e de certos usos do Português Medieval.⁵¹

⁴⁹ GIORGI, A. e LONGOBARDI, G. - *The Syntax of Noun Phrases*, Cambridge, CUP, 1991, na linha de LYONS, J. - *The syntax of English Genitive Constructions in Journal of Linguistics*, 22, 1986, pp. 123-143 e ABNEY, S. P. - *op. cit.*, II, ponto 3..

⁵⁰ CARDINALETTI, A. - *Pronouns ...*, pp. 21 e 22.

⁵¹ BRITO, A. M. - *Presença / ausência ...* pp. 551-575.

Formalmente, o que se passa nestas línguas é que os possessivos são gerados na posição de Esp de SN, mas eles são atraídos, por movimento cíclico, para Esp de CONC marcada [+N], [+ Pessoa] e para D marcado [+ def], como se descreve em (55) para um exemplo do PB (oral):⁵²



Em qualquer dos casos, estamos perante situações de variação dialectal, de gramáticas concorrentes das mesmas línguas.⁵³

Coloca-se então um problema teórico: ou estamos perante um parâmetro de variação menor ou secundário ou é a própria noção de parâmetro que aqui está em causa.

Segundo Holmberg e Sandstrom,⁵⁴ um parâmetro menor é vulnerável à mudança, mostra variação dialectal e está relacionado com valores de traços de

⁵² Na arguição a este texto, Eduardo Paiva Raposo sugeriu que seria possível uma análise uniforme dos dois grupos de línguas aqui estudados, admitindo que o possessivo estivesse sempre em Esp de SCONC, e que os valores [+/-def] ou quantificacionais fossem dados pelas categorias funcionais SD e SQ à esquerda. A proposta feita neste artigo resulta do facto de o possessivo não precedido de artigo ter sempre interpretação de definido, quer nas línguas como o Castelhana e o Francês quer mesmo em línguas como o PE quando a natureza lexical do nome potencia essa leitura, como acontece com nomes de parentesco, por exemplo: *meu pai chegou*. Por outro lado, sigo a sugestão de Picallo, segundo a qual o movimento do possessivo nas línguas do tipo do Castelhana e do Francês é em dois ciclos, o primeiro para Esp da categoria funcional e o segundo para D. Se fosse de núcleo a núcleo, como é o caso do movimento dos clíticos, não se explicaria a impossibilidade de dois possessivos, ao contrário do que se passa com os clíticos: *A Maria não mo comprou / Marie ne me l'a pas acheté / *Uma sua tua fotografia*. (PICALLO, C. – *Catalan ...*, 1994, p. 296).

⁵³ Em CASTRO, A. - *Os possessivos em português europeu e português brasileiro. Unidade e diversidade*, in *Actas do XVI Encontro da APL*, Lisboa, 2001, pp. 599-613, a autora defende que a tendência de desaparecimento do artigo em PB se relaciona com o seu carácter expletivo, porque considera que outro determinante, o possessivo, codifica o traço definido.

⁵⁴ HOLMBERG, A. e SANDSTROM, G. - *Scandinavian Possessive Constructions from a Northern Swedish Viewpoint* in BLACK, J. R. & MOTAPANYANE (orgs.) - *Microparametric Syntax and Dialect Variation*, John Benjamins, 1996, pp. 95-120.

categorias funcionais com uma distribuição restrita, enquanto um parâmetro principal se relaciona com valores de traços de categorias funcionais com uma distribuição geral, é resistente à mudança e à variação dialectal.

Ora, se olharmos bem alguns dados do Português Medieval, vemos que, para além de oscilações relativamente à posição pré e pós-nominal dos possessivos, havia possessivos fracos em D, intrinsecamente definidos (*mha / ma, ta, sa*) e possessivos fortes *mia / minha, tua, sua*, a co-ocorrer com os artigos. Veja-se em (56) alguns dados ilustrativos do Português Medieval:⁵⁵

(56)(a) o seu homem (possessivo pré-nominal com definido)

(b) a calça sua (possessivo pós-nominal com definido)

(c) huu nosso meniho / quatro seus discipulos (possessivos pré-nominais com indefinidos e numerais)

(d) toda sa sobérvia (possessivo fraco sem artigo, em D)

(e) huu seu rei deles / e foi seu abade delas / e hua sa ama delas (redobro)

O que parece estar em causa, quer ao longo da história da língua portuguesa, quer nas línguas românicas que exibem, como o Português, variação na posição precisa dos possessivos, não parece ser um parâmetro relacionado com a categorização dos possessivos, nem mesmo um parâmetro menor, mas algo que pode ser explicado pela natureza da categoria D, isto é, se tal categoria tem um suporte foneticamente realizado ou não, quais os traços que codifica e a natureza desses traços.

Vale a pena, pois, reflectir um pouco sobre a emergência dos artigos nas línguas românicas e a expressão dos possessivos.

O Latim Clássico era uma língua sem artigos e de sujeito nulo, com um leque de pronomes pessoais fortes e fracos marcados casualmente. As formas do genitivo dos pronomes pessoais (*mei, tui, sui, nostri, vestri*) quase não eram usadas; o que era mais frequente era o sistema dos possessivos adnominais (que os gramáticos tradicionais consideram ter características adjectivais), *meus, tuus, suus, nostrus, vestrus*.⁵⁶ Assim, mesmo em posição argumental, usava-se mais (57a) do que (57b):

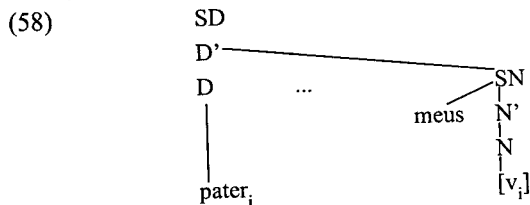
(57)(a) pater meus

(b) pater mei

⁵⁵ Apresentados em MATTOS e SILVA, R. V. - *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, pp. 174-185.

⁵⁶ A 3ª pessoa tinha valor reflexo: *pater suus* (o seu próprio pai). Ver ERNOU, A. e THOMAS, F. - *Syntaxe Latine*, Paris, Ed. Klincksieck, 1989, p. 179-181 sobre os dados sobre possessivos do Latim.

Como se mostra em (57), os possessivos eram pospostos ao N, o que se justifica pelo facto de o Latim ser uma língua sem artigos. De facto, a categoria funcional abstracta D tem um traço nominal e atrai o N, que ganha com isso referencialidade⁵⁷, explicando-se assim a posição pós-nominal do possessivo, que, de acordo com a nossa hipótese, é gerado na posição de Esp de SN e não se move. Veja-se a representação simplificada em (58):



Com a evolução do Latim Clássico para o Latim Vulgar e a formação das línguas românicas, houve vários fenómenos entrecruzados, como mostra N. Vincent: a perda da flexão casual; o surgimento de um sistema de pronomes fracos e clíticos, o aparecimento de artigos coincidentes ou quase coincidentes com as formas dos pronomes clíticos objecto (originários de *ille e ipse*), alterações de ordem de palavras na frase.⁵⁸

Igualmente de acordo com Vincent, com o surgimento de pronomes fracos e de artigos em primeira posição no SD para codificar noções semânticas, informacionais e temáticas (definitude / indefinitude, tópico, dado, etc.) o que vai acontecer são alguns fenómenos importantes: no interior da categoria SD a ordem dos possessivos torna-se um pouco mais livre, continuando a surgir possessivos pospostos mas começando a ocorrer possessivos pré-postos. Como vimos acima, o Português Medieval é caracterizado pela coexistência de várias gramáticas, mas crucialmente já não é marcado pela atracção de N pelo D e tem já artigos.

Mas as línguas românicas vão evoluir diferentemente quanto ao modo como os possessivos codificam os traços universalmente disponíveis: uns passaram a exprimir a própria noção de definitude e temos então possessivos fracos, nucleares, em D, como no Castelhana e no Francês Moderno (embora o Francês Medieval ainda tivesse possessivos “adjectivais”, como *mien*).

Outras vão evoluir no sentido de desenvolver possessivos não especificados quanto ao traço de definido, co-ocorrendo então com artigos e dando origem aos chamados “adjectivos pronominais”.

⁵⁷ Longobardi diria que o N se move em Sintaxe explícita para verificar o seu traço [+Ref] (cf. LONGOBARDI – *Reference...*, p. 659).

⁵⁸ Cf. VINCENT, N. - *The emergence...* p. 150, p. 166.

Mas se é verdade que, de um modo geral, as gramáticas das línguas românicas se vão diferenciando nestas duas vias, é um facto que, nas mesmas línguas, há gramáticas concorrentes, há variação dialectal na sintaxe dos possessivos pré-nominais. Ora, como foi sugerido, o que está em causa não parece ser um parâmetro, nem mesmo um parâmetro menor, com a formulação de (50), mas sim algo relacionado com a natureza e os traços da categoria D.

É necessário, no entanto, olharmos ainda para os possessivos pós-nominais. É este o objectivo da parte seguinte da exposição.

2.4. *Possessivos pós-nominais em PE*

Vimos no início que, na gramática dita “padrão” do PE Moderno, a posição pós-nominal dos possessivos é a habitual com indefinidos, mas também com numerais, exclamativos, interrogativos, como ilustrado em (59):

- (59)(a) uns amigos nossos
- (b) três amigos meus
- (c) Quantos amigos meus encontraste?
- (d) Que amigos nossos!

Vamos tentar perceber que posição ocupam os possessivos pós-nominais e ver se ela se articula com a tese de que os possessivos são determinantes.

Como foi referido, os possessivos não são tematicamente homogêneos, estabelecendo com o núcleo lexical vários tipos de relações (Tema, Possuidor, Agente, Experienciador ou outra), dependentes da natureza lexical do Nome. Com um nome icónico, o possessivo pode tomar a posição pós-nominal, como em (60):

- (60) uma fotografia tua (tua = de ti)

Quando o possessivo pós-nominal tem as interpretações de Possuidor, Agente / Autor ou Experienciador, pode ocupar uma posição o mais à direita possível, seguindo complementos genitivos ou mesmo adjectivos, como em (61a, b):

- (61)(a) um livro de histórias teu
- (b) um livro de histórias antigo teu

O possessivo tem aqui um valor claramente predicativo, pode ser parafraseado por uma oração relativa, como em (62a), modificado por advérbios de grau (como em (62b)), contrastado (como em 62c)); tal posição parece ser a de adjunto a SN (por “pair-merge”) ou ser mesmo pertença de uma “oração pequena”.⁵⁹

- (62)(a) um livro de histórias teu / que é teu
- (b) um livro de histórias muito teu

⁵⁹ Como propõe MIGUEL, M. - *O possessivo e a estrutura predicativa do Sintagma Nominal*, Diss. de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, FLUL, Lisboa (não publ.), 1992.

(c) um livro de histórias teu (e não meu)

Com nomes icónicos, os possessivos podem mesmo co-ocorrer com outro possessivo pré-nominal (63a, c) ou com possessivos preposicionais (63b):⁶⁰

(63)(a) uma tua fotografia minha está estragada

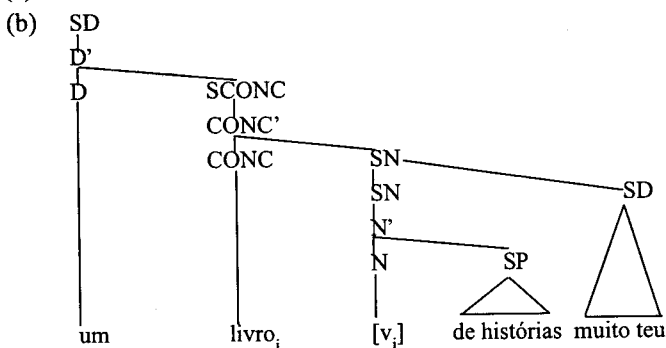
(b) uma fotografia tua dele

(c) ? uma fotografia tua nossa

em que a interpretação decorre da chamada “Hierarquia Temática” (Poss > Agente > Tema).⁶¹

Em (61), (62) e (63) temos *possessivos pós-nominais marcados*. A possibilidade de o possessivo ser modificado por *muito*, como em (62b), aqui renumerado como (64a), mostra que estamos de novo na presença de SDs, com uma estrutura sintáctica interna.⁶² O exemplo (64a) é descrito em (64b):

(64)(a) um livro de histórias muito teu



Noutras línguas este tipo de possessivo é equivalente a um genitivo adnominal, a um possessivo forte ou a um pronominal forte, como em (65):

(65)(a) a picture of John's / of hers

(b) la foto suya / mía

(c) une photo à moi

A terceira situação e a que mais interessa para a tese aqui apresentada é constituída pelo que se poderá chamar os *possessivos pós-nominais não marcados*,

⁶⁰ BRITO, A. M. - *Sobre as noções de sujeito...*, p. 466.

⁶¹ Sobre a Hierarquia Temática no SN ver CINQUE, G. - *On extraction from NP*, in *Journal of Italian Linguistics*, 1, 2, 1980, pp. 47-99; MILNER, J. C. - *Ordres et raisons de langue*, Paris, Ed. du Seuil, 1982; RIZZI, L. - *Relativized Minimality*, The MIT Press, Cambridge, Mass., 1991; BRITO, A. M. - *Sobre as noções...*; GIORGI, A. e LONGOBARDI, G. - *The syntax ...*; BRITO, A. M. - *Extraction...*

⁶² Explorando a análise de ABNEY, S. - *op. cit.*, cap. IV. 2. e outros sobre as construções graduadas, *muito* preencheria o núcleo do SGRAU e o SD com o possessivo seria seleccionado por GRAU.

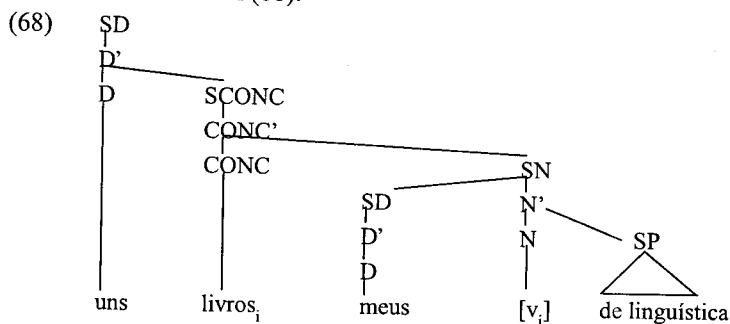
no sentido de que não seguem nem outros argumentos ou complementos do nome nem outros possessivos, normalmente precedem os argumentos Tema ou mesmo os adjuntos, como nos exemplos (66):

- (66)(a) uns livros meus de linguística
 (b) uma casa minha de madeira / de praia
 (c) uma camisa tua de riscas

De novo, a modificação por *muito* é possível:

- (67) uns livros muito meus de linguística

Formalmente, este tipo de possessivos é gerado na mesma posição dos pronominais, a posição de Esp de SN, à esquerda de N e só aparece à direita do N por movimento parcial deste para a categoria CONC. Assim, um exemplo como (66a) terá a estrutura descrita em (68):



Por razões de economia, o possessivo não se move, sendo os seus traços categoriais e morfológicos legitimados *in situ*, desencadeando-se uma operação de “acordo de longa distância”, que é responsável pela concordância em traços de número e género.

3. Conclusões

Tendo analisado o comportamento dos possessivos em posição pré e pós-nominal estamos agora em condições de apresentar algumas conclusões:

1) A sintaxe das expressões nominais em posição argumental contendo possessivos é adequadamente descrita adoptando a hipótese SD e a proposta de que no seu interior há uma categoria funcional do tipo CONC.

2) Os possessivos exprimem uma dupla relação: uma relação com as pessoas do discurso e uma relação entre as pessoas do discurso e uma entidade que designa o objecto possuído; daí que se justifique aproximar os possessivos quer de SDs quer de determinantes.

3) É possível uma análise categorial unificada dos possessivos na gramática do Português. Os possessivos são Ds ocupando o núcleo da categoria funcional SD mais alta (como na gramática dominante do PB) ou são o núcleo de um SD em

posição pré-nominal e em posição pós-nominal, comportando-se como aquilo que tem sido designado “adjectivos pronominais” / “possessivos” (é o que acontece em PE e no PB, numa gramática próxima da da norma europeia).

4) A noção de “adjectivo pronominal” / “possessivo” foi definida como um tipo de D, com uma combinação de traços categoriais, morfológicos e semânticos que aproximam e simultaneamente distinguem os possessivos dos pronomes pessoais e de outros determinantes.

5) No Latim Clássico os possessivos já não eram verdadeiramente “pronomes pessoais no genitivo” mas algo de adnominal, que deu origem aos possessivos das línguas românicas. Como resultado do processo que conduziu à emergência dos artigos, duas vias fundamentais se abriram: a) a categoria D passou a poder albergar artigos definidos ou indefinidos, co-ocorrendo com possessivos (Português, Italiano); b) D e o seu traço [+def] atraem o traço de Pessoa, dando origem a possessivos fracos (Castelhano, Francês).

6) De um modo geral, o segundo grupo caminhou no sentido de criar sistemas bipartidos e até tripartidos de possessivos, com formas fracas à esquerda do N e formas fortes à direita do N; o primeiro evoluiu no sentido de uma unificação, embora na época medieval o Português ainda exibisse formas fracas e fortes. Isto parece ter acontecido pelo facto de o Português permitir possessivos não especificados quanto ao traço [+def] e por ter criado, à direita e à esquerda dos nomes, um sistema de determinação complexo, no qual os possessivos intervêm de forma crucial, deixando assim de fazer sentido a distinção entre formas fracas e fortes.

7) A análise mostra a profunda afinidade entre Ds, SDs, pronomes pessoais e possessivos, na linha do espírito minimalista preconizado por Chomsky e confirma a sugestão deste autor de que não há uma diferença substancial entre entidades do tipo de SX e X.⁶³

8) A variação na sintaxe dos possessivos em línguas como o Português relaciona-se, portanto, não directamente com a natureza categorial (o seu carácter nuclear (D) ou de projecção máxima (SD)), como têm preconizado vários tratamentos recentes, mas sobretudo com os traços que codificam e com a interacção destes traços com os mecanismos computacionais que desencadeiam: Compor e Mover / Atrair.

⁶³ Cf. CHOMSKY, N. - *Bare Phrase Structure* in WEBELBUTH, G. - (org.) *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*, Cambridge, Blackwell, 1995, pp. 383-439, especialmente, p. 369: neste texto o autor afirma que quer as projecções máximas quer as projecções mínimas devem ser determinadas a partir da estrutura em que surgem, sem qualquer marcação específica, e que entidades do tipo de SX, X' e X não existem enquanto tal, devendo ser usadas como notações informais.

9) A pesquisa comparativa realizada ganhou em desenvolver-se em dois tipos de orientação: a comparação entre gramáticas de línguas diferentes e a comparação entre variantes de uma mesma língua. As línguas românicas oferecem a este nível um campo privilegiado, pois há variações, por vezes mínimas, numa mesma língua a nível sintáctico. A variação na sintaxe dos possessivos no interior deste grupo de línguas parece pôr problemas à noção de parâmetro e confirma, em grande parte, a concepção de variação gramatical sugerida em *Minimal Inquiries* de Chomsky.

10) A sintaxe e a semântica do SD e em particular dos possessivos mostram bem o cruzamento do particular e do universal nas gramáticas das línguas naturais: o carácter particular é constituído pela especificidade dos itens lexicais e pelo modo como cada língua (ou grupo de línguas) faz interagir o Léxico com o sistema computacional; para exprimir o seu significado dêictico ou anafórico, os possessivos põem em uso um traço universal de Pessoa e a sua sintaxe é grandemente regulada por princípios comuns às gramáticas.

Ana Maria Brito